

A representação tragicômica na obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha*

Cíntia Santana Pimentel (Graduanda/UFS)*

Resumo: O presente trabalho teve como finalidade estudar os modos e as formas do cômico na obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, na qual se buscou identificar a função e os procedimentos cômicos utilizados pelo escritor. Durante a análise foi averiguado que Lima Barreto utiliza o cômico a serviço do trágico a partir dos elementos básicos da teoria da comicidade, defendidos pelos teóricos Bergson (2007), Freud (1977) e Jolles (1976). Para exemplificar tal afirmação foi escolhido para ser apresentado neste trabalho o personagem Frederico Lourenço do Couto, o Floc, crítico literário da obra.

Palavras-chave: Pré-modernismo, Cômico, Crítico literário, Lima Barreto

1. Introdução

O objetivo do trabalho aqui apresentado era estudar os modos e as formas do cômico no período pré-modernista da Literatura Brasileira. Para tanto, foi realizado um levantamento do *corpus* de autores canonizados e suas respectivas obras, com o intuito de identificar aquelas que se enquadram no gênero cômico. Esse levantamento preliminar buscou suas informações nas já consagradas historiografias da literatura brasileira, principalmente, a partir dos críticos literários Afrânio Coutinho (2004) e Alfredo Bosi (2006). De um modo geral, esse levantamento permitiu observar que as obras cômicas desse período tendem para o gênero tragicômico e neste gênero se destacam, principalmente, os escritores Lima Barreto e Monteiro Lobato, com ênfase principal para as

* Graduanda do curso de Letras-Português. Atuou no Projeto de Iniciação Científica (PICVol/UFS 2009, desenvolveu o plano “A representação nacional tragicômica na literatura do Pré-modernismo”, que faz parte do Projeto “O Cômico na Literatura Brasileira” da Prof^a Dr^a Jacqueline Ramos.

obras *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *Os Bruzundangas*, de Lima Barreto; e *Urupês*, *Cidades Mortas* e *O Presidente Negro*, de Monteiro Lobato. Definiu-se, a partir desse levantamento, o *corpus* deste plano de trabalho: a obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, por esta ser uma obra representativa da época e por fornecer subsídios para tal análise, cujo propósito foi identificar a função e os procedimentos cômicos utilizados pelo escritor. A revisão teórica trouxe subsídios para a análise dos procedimentos cômicos presentes no *corpus* selecionado. E para ser apresentado neste trabalho foi selecionado o personagem Frederico Lourenço do Couto, Floc, o crítico literário da obra.

O Pré-modernismo é um período que vai do início do século XX à Semana de Arte Moderna. Segundo Bosi, os gêneros literários desse período indicam o prosseguimento e a estilização dos já cultivados pelos escritores realistas, naturalistas e parnasianos. E acrescenta ainda que “ao elemento *conservador* importa acrescentar o *renovador*” (BOSI, 1966: 12), uma vez que os escritores do período dão ao mesmo elemento um sentido forte de precedência temática e formal em relação à literatura modernista. O crítico observa ainda que os pré-modernistas debruçaram-se sobre os problemas sociais e morais do país, refletindo situações históricas novas sob o ponto de vista do conteúdo e da problemática externa ainda dentro do plano da consciência social e política.

2. Revisão da literatura

Para proceder a análise da comicidade na obra selecionada foram desenvolvidos estudos do gênero cômico a partir da leitura dos textos de Henri Bergson (2007), que defende a tese de que a função do cômico é reprimir; Sigmund Freud (1977), que afirma ser a desrepressão a função do cômico; e André Jolles (1976) que assegura ser o cômico a disposição mental de dissolução, seja da linguagem, da ética, da lógica e das próprias formas.

No livro intitulado *O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade*, Bergson (2007) revela as implicações da comicidade, os procedimentos de fabricação do risível e qual a intenção da sociedade quando ri. Segundo o teórico, o riso é um

efeito cômico provocado por certa rigidez com uma significação social, em que a rigidez é a comicidade e o riso é seu castigo. Nesse sentido é possível inferir que o cômico é conservador, uma vez que ele diz que o riso tem a função de coerção social. Assim, é possível afirmar que a teoria de Bergson está de acordo com a ideologia cristã, uma vez que ambos visam o cômico como algo repressor.

Para explicar as questões da comicidade, Bergson parte da premissa de que o cômico seria o mecânico sobreposto ao vivo. Segundo ele, essa mecanização é uma espécie de vício que pode ser encontrado nas situações, nas palavras, nas atitudes e no caráter com certa rigidez para que assim se possa obter o riso, que é provocado quando o automatismo é percebido.

O riso está associado tanto ao prazer quanto à prática de poder, o que não deixa de ser uma forma de obter o controle do outro. O prazer e o controle se misturam com a intenção inconfessa de humilhar. Por isso Bergson diz que a personagem cômica é uma personagem desviada, que não está em dia com a sociedade e o riso terá a função de corrigir o seu desvio e enquadrá-la à sociedade. Dessa maneira, a comicidade é relativa aos costumes, às idéias e aos preconceitos de uma sociedade e o riso serve para reprimir certo desvio especial dos homens e dos acontecimentos, com o objetivo de sempre obter a mais alta sociabilidade possível.

Bergson relata ainda que as condições essenciais para fazer rir são a insociabilidade da personagem, insensibilidade do espectador e o automatismo. Diz também que só é essencialmente risível aquilo que é automaticamente realizado e que a comicidade de caráter é feita de rigidez, automatismo, desvio e insociabilidade. Em relação aos personagens, ele diz ainda que os personagens cômicos são *tipos*. De acordo com Angélica Soares (2002), os personagens denominados tipos são aqueles caracterizados por um traço básico e que não mudam o comportamento durante a narrativa. Eles recebem o nome de personagens planas ou desenhadas porque tendem a caricatura

Dessa forma, pode-se concluir que o filósofo define o cômico como o mecânico sobreposto ao vivo, cuja função é a correção social e que os

procedimentos cômicos podem aparecer nos gestos, nas ações, nas palavras, nas situações, nas formas, nos movimentos e no caráter. Assim, é possível inferir que o riso gostaria de corrigir o estereótipo, o mecânico, o desvio e o automatismo. Também é bom ressaltar que, para ele, é a própria sociedade que busca através do cômico a manutenção dos valores sociais.

Já Freud (1977) apresenta uma visão diversa de Bergson e na obra, *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, aborda os chistes, com o intuito de descobrir algo mais sobre a formação do inconsciente. Freud aborda os chistes, seu mecanismo e suas funções sempre os associando aos sonhos e ao inconsciente.

Freud, assim como Bergson, também relaciona o chiste à prática de poder, uma vez que, para ele, um chiste nos permite explorar algo ridículo em um inimigo e observa que torná-lo cômico é uma maneira de obter o prazer de vencê-lo, ou seja, é a idéia de rebaixamento.

Apesar de revelar na obra que a impressão deixada pela literatura é que é impraticável tratar os chistes, a não ser em conexão com o cômico, Freud ainda continuou na tentativa de diferenciar os chistes do cômico. Ele relaciona os chistes com as espécies do cômico e afirma que, socialmente, eles se comportam diferentemente. Para ele, o chiste se faz. Enquanto que o cômico se constata nos movimentos, nas formas, nas atitudes e nos traços de caráter das pessoas. E ressalta ainda que no cômico a terceira pessoa nada acrescenta, apenas intensifica o prazer. Já no caso dos chistes, a terceira pessoa é essencial para completar o processo de produção do prazer. Freud afirma que o disfarce, o desmascaramento, a caricatura são métodos que servem para colocar a pessoa em uma situação cômica. Na relação entre os chistes e o cômico Freud afirma que a principal diferença entre eles está na fonte do prazer, a qual ele afirma que o prazer do chiste está no inconsciente, enquanto que as análises indicam que o prazer cômico está no pré-consciente.

Freud ressalta que o que causa o efeito do cômico não é o conteúdo, e sim o modo como algo é dito. Mas ele também revela que o cômico está na cultura. Para ele, os mecanismos dos chistes, que coincidem com os mecanismos dos

sonhos descritos em *A interpretação dos sonhos*, servem para acessar o inconsciente. O cômico dá acesso a conteúdos reprimidos, tendo, assim, a função de libertá-los. Ainda dentro da função do cômico, para Freud, os chistes têm a função de desreprimir conteúdos inconscientes, enquanto que o cômico desreprime conteúdos independentemente de serem inconscientes.

O terceiro e último teórico estudado foi André Jolles, que no capítulo, *Os chistes*, do livro *Formas simples*, ressalta que o cômico é a disposição mental que gera o chiste e que uma das funções do chiste é desenlaçar algo que seja repreensível. Mas ele ressalta que o chiste não sabe desenlaçar tudo que é repreensível. E afirma ainda que no desenlace cômico a *insuficiência* é uma condição necessária para desfazer, pelo cômico, algo repreensível.

Jolles também caracteriza a zombaria como uma forma de chiste e a distingue entre duas formas: a sátira e a ironia. A primeira é uma zombaria apontada para o objeto que repreende e o zombador não se identifica com o zombado, pois quem satiriza se sente superior e inferioriza o zombado. Já na ironia, o zombador se identifica e há certa solidariedade entre esse e o zombado. Dessa forma, pode-se afirmar que a zombaria está ligada a um caso particular e ao aspecto repressor. Porém, quando o chiste está ligado ao estado geral trata-se de um gracejo. Neste, há a liberação da tensão provocada pelo relaxamento.

Assim, observa-se que Jolles não coloca o chiste apenas como um derivado de outras formas. E ressalta ainda que no chiste há uma dupla função, como já citado acima: a de zombaria e a de gracejo, em que a primeira pode ser associada a teoria de Henri Bergson, que caracteriza o cômico com a função de reprimir. Já a segunda pode ser comparada a teoria de Freud, que define o cômico como algo que tem a função de desreprimir.

Jolles observa ainda que a função geral do chiste é libertar o espírito pela descarga de uma tensão e que em função da sua dupla função, já apontada acima, não se trata de uma forma de repetição, e sim de uma forma que cria. Ele ressalta ainda que os chistes partem do negativo para desfazer o que é

repreensível e no desenlace da tensão criam um universo positivo e próprio. Esse universo é entendido na dualidade da zombaria e do gracejo.

3. Análise textual: resultados e discussões

Para que análise realizada seja melhor entendida apresentarei um breve resumo da obra: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é narrada em primeira pessoa, seu protagonista é o próprio Isaías, rapaz pobre, mulato, interiorano, que gostava de estudar e resolveu ir para o Rio de Janeiro em busca de realizar o sonho de tornar-se doutor. Ele viajou para o Rio com pouco dinheiro e levando uma carta de recomendação enviada pelo Coronel da cidade para o Deputado Castro, na qual pedia que este conseguisse um emprego para Isaías, mas o deputado não atendeu ao pedido do coronel. Como não conseguia emprego e não conhecia ninguém quando chegou ao Rio, Caminha sofreu preconceitos e muitas vezes foi humilhado. Acabou conhecendo várias pessoas ligadas ao jornal através do personagem Gregoróvitch Rostóloff que era um jornalista do Jornal *O Globo*, considerado um homem importante e, por isso, era respeitado e foi quem arranhou o emprego de Isaías no jornal.

No primeiro momento de leitura, o enredo parece narrar uma situação trágica, já que o protagonista Isaías Caminha narra a própria história, revelando os problemas enfrentados ao tentar melhorar de vida no Rio de Janeiro. No segundo momento do enredo, percebe-se que a caricatura cresce com a função de denunciar e criticar os jornais, a política, os literários e o jogo de interesses. Ele também ironiza e satiriza a sociedade em geral.

Assim, a obra se enquadra no gênero tragicômico, não só pela forte ironia usada pelo escritor, mas também pela presença marcante de personagens caricatos. O cômico presente na obra é ambivalente porque está a serviço do trágico, já que Lima Barreto faz uso dele para amenizar a situação trágica vivida pelo personagem Isaías. E por outro lado condena as atitudes, no sentido proposto por Bergon, através da caricatura.

As críticas são acentuadas quando ele descreve o mundo do Jornal e ao criticar os jornais, ele buscava despertar reflexões no leitor sobre o papel do

jornal, da imprensa, dos jornalistas e dos críticos literários da época. Para tanto, ele fez uso de personagens caricatos. Para averiguar a função do cômico e seus procedimentos na obra selecionada, foram escolhidos alguns personagens da obra que eram funcionários do Jornal em que Isaías trabalhou, uma vez que é a partir da descrição do local e dos personagens que percebemos o quanto ele utiliza a caricatura.

Isaías revela o que pensa sobre os jornais quando diz que: “No jornal, o diretor é uma espécie de senhor feudal a quem todos prestam vassalagem e juramento de inteira dependência: são seus homens. As suas festas são festas do feudo a quem todos têm a obrigação de se associar; os seus ódios são ódios de suserano, que devem ser compartilhados por todos os vassalos, vilões ou não” (LIMA BARRETO, 2009: 129).

Revela também que os jornais do Rio são “guiados pelas mesmas leis, obedecendo quase sempre a um único critério, todos eles se parecem; e, lido um, estão lidos todos” (LIMA BARRETO, 2009: 101).

Isso acontece porque é também na segunda parte da obra que aumenta o seu conhecimento sobre o jornal e sobre as pessoas envolvidas nele, porque ele passa a ser um funcionário do meio, o que o leva a diminuir o deslumbramento e aumentar as suas críticas. É a partir de então que a narrativa vai revelando mais críticas ao meio e que a caricatura fica mais acentuada, ganhando forças através dos personagens diretamente ligados ao Jornal, como o crítico literário, Floc, personagem escolhido para ser apresentado neste trabalho.

Frederico Lourenço do Couto, Floc, era o crítico literário do jornal em que Isaías trabalhava. A sua função era fazer “a crônica literária, as crônicas teatrais dos espetáculos de todas as celebridades, as informações sobre literatura e pintura, além do plantão semanal em que ajeitava frases lindamente literárias” (LIMA BARRETO, 2009: 95).

Lima Barreto não economizou críticas ao descrever as atitudes de tal personagem, que tinha como regras estéticas as suas relações com o autor, as recomendações que recebia, os títulos universitários e a condição social. Através desse personagem, Lima Barreto critica as atitudes dos críticos literários, como

Floc, na tentativa, de acordo com Bergson, de corrigir os costumes dos críticos, isso porque quando ele mostra os desvios de comportamento, a falta de moral e de princípios justos, ele busca não só criticar, como também tentar corrigir tais falhas. Como podemos ver na passagem em que um jovem escritor deixa seu livro na redação para ser avaliado por Floc e Isáias diz:

De antemão, sabia que Floc não se deteria na sua leitura. Os livros nas redações têm a mais desgraçada sorte se não são recomendados ou apadrinhados convenientemente. Ao receber-se um, lê-se-lhe o título e o nome do autor. Se é de autor consagrado e da facção do jornal, o crítico apressa-se em repetir aquelas frases vagas, muito bordadas, aqueles elogios em clichê que nada dizem da obra e dos seus intuítos; se é de outro consagrado mas com antipatias na redação, o clichê é outro, elogioso sempre mas não afetuoso nem entusiástico (LIMA BARRETO, 2009: 136-7).

Essa passagem mostra como Floc não era imparcial em relação ao material que recebia para realizar críticas, uma vez que utilizava métodos que não justificavam as críticas realizadas. Tais métodos utilizados pelo crítico se confirmam na seguinte passagem:

N'O *Globo*, as coisas corriam assim. O secretário recebia o volume e dava-o a Floc. Quimera, romance, Abílio Gonçalves, lia Floc alto, e logo perguntava:

- Quem é este Abílio Gonçalves?

- Não conhecestes? É filho do senador Gonçalves, de São Paulo.

Floc olhava outra vez o livro e voltava:

- É formado?

- É, retorquia Leporace; é engenheiro de minas.

- Hum! Fazia Floc com segurança, mudando a primitiva antipatia que se lia na contração dos lábios, para um breve sorriso de benevolência. No dia consagrado, o folhetim aparecia cheio de blandícias, de elogios, fosse o livro bom ou mau (LIMA BARRETO, 2009: 137-8).

O crítico literário construído por Lima Barreto apresenta vários problemas não só em relação à conduta adotada, como também em relação ao conhecimento intelectual para exercer tal função, isso é visto quando Isáias

narra o momento em que Floc iria escrever sobre um livro que acabara de receber e para o protagonista ele “não possuía talento especial de presteza de pensamento e revela ainda que quase sempre as crônicas literárias, as fantasias e as notícias de teatro eram trazidas escritas de casa.” (LIMA BARRETO, 2009, p. 138). As críticas se asseveram quando Lima Barreto, através de Isaías, afirma ainda que o crítico tinha consciência da sua falta de habilidade, como podemos observar nessa passagem:

Floc unicamente, com certeza devido aos seus grandes desejos literários e artísticos, sentia bem essa inferioridade e sofria com ela. Não procurava corrigir-se, adquirir a plasticidade necessária; o ofício não permitia e fora dele não tentava nada, com medo do desastre e do insucesso, embora na tentativa muito pudesse ganhar a sua vontade e o escritor que houvesse nele. Sofria... (LIMA BARRETO, 2009: 139).

As dificuldades do crítico literário em escrever era tamanha que chegou a cometer o suicídio no dia em que fora pressionado por outro funcionário do jornal para entregar-lhe logo um artigo, como vamos ver no seguinte trecho:

O operário saiu. Floc esteve um instante com a cabeça entre as mãos, parado, tragicamente silencioso; depois levantou-se firmemente, dirigiu-se muito hirta e muito alto para um compartimento próximo. Houve um estampido e o ruído de um corpo que cai. Quando penetramos no quarto, eu, o paginador e dois operários, ele ainda arquejava. Em breve morreu... estupidamente indiferente aos destinos e às ambições (LIMA BARRETO, 2009: 153-4).

Isaías não demonstra sentir piedade de Floc. A afirmação se confirma com a descrição da seguinte passagem:

Quando se suicidou (oh! Como isto é triste recordar!), quando se suicidou fui-lhe ver os livros (...) nenhum estudo de crítica literária, mas dez de anedotas literárias (...) a sua crítica não obedecia a nenhum sistema; não seguia escola alguma (LIMA BARRETO, 2009: 103-4).

E mesmo quando Isaías disse sentir piedade do crítico percebe-se na maneira como ele narra que não há piedade e que ele está ironizando a situação vivida pelo crítico, que na verdade era uma farsa, uma vez que não possuía conhecimentos suficientes para atuar no cargo, como podemos nos certificar no seguinte trecho:

Vim a conhecê-lo melhor e a minha antipatia não diminuiu; entretanto, hoje, ao recordar-me com que sombria energia pôs fim ao seu desespero, ao ver diante dos meus olhos a imagem do seu cadáver com aquela fraca cabecinha estourada por uma bala, tenho uma grande e imensa pena e lastimo que a minha total ignorância das coisas da Igreja não me permita rezar uma oração em favor de sua alma (LIMA BARRETO, 2009: 91).

Por fim, Isaías revela, com muita ironia, que passou a ser respeitado depois que foi promovido à repórter da redação, comprovando o privilégio dado àqueles que fazem parte do jornalismo, como podemos verificar no trecho que segue abaixo:

Nos meus primeiros meses de reportagem foi quando amei mais ativamente a vida. Não porque me visse adulado pelos almirantes e capitães-de-mar-e-guerra, mas porque senti bem a variedade onímoda da existência, a fraqueza dos grandes, a instabilidade das coisas e o seu fácil deslizar para os extremos mais opostos. Dois meses antes era simples contínuo, limpava mesas, ia a recados de todos; agora, poderosas autoridades queriam as minhas relações e a minha boa vontade. E toda essa modificação tão imprevista do meu viver viera do suicídio de Floc (LIMA BARRETO, 2009: 157).

Assim, Lima Barreto constrói um desfecho ao mesmo tempo cômico e irônico, já que o crítico se suicida por não conseguir escrever um artigo e por ironia do “destino” Isaías só consegue o cargo de repórter na redação por conta deste suicídio.

Nas passagens analisadas percebe-se que o cômico prevalece. Isso porque estar sendo narrada uma situação trágica, em que um escritor comete um suicídio por não conseguir escrever um artigo, portanto, a situação passa a ser cômica ao invés de trágica, já que quando se trata de um escritor é natural

que ele tenha facilidade em escrever, o que não era o caso de Floc. Dessa forma, Floc pode ser caracterizado como um personagem cômico.

4. Conclusão

O trabalho realizado tinha como proposta identificar os autores e as obras que apresentavam o cômico no período Pré-modernista da Literatura Brasileira. No decorrer da pesquisa foi observado que as obras cômicas desse período tendem para o gênero tragicômico e foi averiguado que Lima Barreto utiliza o cômico a serviço do trágico a partir dos elementos básicos da teoria da comicidade, defendidos pelos teóricos: Henri Bergson, Sigmund Freud e André Jolles. E a partir de então é possível afirmar que a obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* apresenta uma ambivalência cômica, já que segundo Bergson, o escritor critica as excentricidades e através da caricatura Lima Barreto condena as atitudes. E, por outro lado, apresenta também o fator de *desconcerto e esclarecimento*, causando uma desrepressão, já que ele utiliza o espaço para obter o prazer e o chiste, que de acordo com Freud, nos permite explorar algo ridículo em um inimigo e torná-lo cômico é uma maneira de vencê-lo. E isso é visto na construção de alguns personagens caricatos, como o crítico literário, Floc. Outro ponto explorado pelo autor é a utilização do espaço para dizer tudo aquilo que não podia ser dito, a não ser através do cômico.

Referências Bibliográficas

- BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 10ªed. São Paulo: Editora Ática, 2009.
- BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio sobre a significação da comicidade*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. - (Coleção Tópicos).
- BOSI, Alfredo. *A Literatura Brasileira: O Pré-Modernismo*. Vol. V. São Paulo: Cultrix.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43ªed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil: Era Realista, Era de Transição*. 7ªed. São Paulo: Global, 2004.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*; tradução Margarida Salomão. Volume VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

JOLLES, André. O Chiste. In. *Formas Simples*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. 6ªed. Série Princípios. Ed. Ática, 2002.

OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Uma palha na cidade*. Curitiba: Revista Letras. Editora UFPR, 2004. Disponível em <http://www.letas.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/oliveira.pdf> Acesso em: 21 mar. 2010.